

HENRY JAMES

A outra volta  
do parafuso

*Tradução de*

PAULO HENRIQUES BRITTO

*Posfácio de*

DAVID BROMWICH



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright do posfácio © 2011 by David Bromwich  
Copyright da cronologia © 2007 by Philip Horne

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with  
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL  
The turn of the screw

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA  
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO  
Ciça Caropreso

REVISÃO  
Jane Pessoa  
Marise Leal

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

James, Henry, 1843-1916.

A outra volta do parafuso / Henry James; tradução de Paulo Henriques Britto; posfácio de David Bromwich — São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011.

Título original: The turn of the screw.

ISBN 978-85-63560-24-7

1. Romance norte-americano I. Título

---

11-05146

CDD-813

Índice para catálogo sistemático:  
1. Romances: Literatura norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500 Fax (11) 3707-3501

[www.penguincompanhia.com.br](http://www.penguincompanhia.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

## Sumário

A OUTRA VOLTA DO PARAFUSO	7
<i>Posfácio</i>	161
<i>Cronologia</i>	193

A história nos deixara, ao redor do fogo, um tanto eletrizados, mas, salvo a observação óbvia de que era horrível, como, na noite de Natal numa casa velha, é de esperar que seja uma narrativa estranha, não me lembro de ter ouvido nenhum comentário até que alguém notou que era o único caso de seu conhecimento em que tal aflição ocorrerá a uma criança. O caso, devo dizer, era o de uma aparição surgida numa casa velha semelhante àquela em que estávamos reunidos no momento — uma aparição, das mais terríveis, testemunhada por um menininho que dormia no quarto com a mãe e que a acordou apavorado; acordou-a não para que ela dissipasse seu medo e o tranquilizasse, e ele então voltasse a dormir, mas para que ela própria defrontasse, antes de conseguir fazê-lo, com a mesma visão que o abalara. Foi essa observação que provocou em Douglas — não de imediato, porém mais tarde naquela mesma noite — uma reação que teve a interessante consequência que vou relatar. Uma outra pessoa contou uma história não muito interessante, e percebi que ele não lhe dava atenção. Tomei isso como sinal de que ele próprio tinha uma narrativa a fazer e de que a nós cabia apenas esperar. Esperamos, na verdade, duas noites; mas ainda naquela primeira ocasião, antes de nos dispersarmos, Douglas comunicou-nos o que tinha em mente.

“Concordo perfeitamente — com relação ao fantasma de Griffin, ou seja lá o que for — que o fato de ter ele aparecido em primeiro lugar para o menininho, de tão tenra idade, lhe dá um toque especial. Mas, pelo que sei, não se trata da primeira ocorrência de uma espécie encantadora a envolver uma criança. Se uma criança dá ao fenômeno outra volta do parafuso, o que me diriam de *duas* crianças...?”

“Diríamos, é claro”, exclamou alguém, “que elas dão duas voltas! E também que queremos ouvir essa história.”

Vejo Douglas diante da lareira, da qual se aproximara para lhe apresentar as costas, encarando seu interlocutor com as mãos nos bolsos. “Ninguém além de mim, até agora, a ouviu. É de fato horrível demais.” Isso, naturalmente, segundo foi afirmado por várias vozes, tinha o efeito de valorizá-la ao máximo, e nosso amigo, com uma arte sutil, preparou seu triunfo correndo os olhos por todos nós e acrescentando: “Ultrapassa todos os limites. Nada que eu conheça lhe chega perto”.

“Em matéria de horror?”, lembro-me de haver perguntado.

Ele parecia dizer que a coisa não era assim tão simples; que na verdade lhe faltavam palavras para qualificá-la. Passou a mão pelos olhos, fez um pequeno esgar de repulsa. “De monstruosidade — monstruosidade!”

“Ah, que delícia!”, exclamou uma das mulheres.

Ele ignorou-a; olhou para mim, mas como se, em vez de me ver, visse a coisa de que falava. “Do que há de mais insólito, revoltante, horrendo, doloroso.”

“Bem, sendo assim”, retruquei, “sente-se aí e comece.”

Ele virou-se para o fogo, deu um pontapé numa tora, ficou a contemplá-la por um instante. Então se virou para nós outra vez: “Não posso começar. Vou ter de mandá-la buscar na cidade”. Essa frase provocou um gemido unânime e muitas reclamações; em seguida, com seu jeito absorto, ele explicou-se. “A história está escrita. Está

numa gaveta trancada — de lá não sai há anos. Eu podia mandar um bilhete a meu criado e enviar-lhe a chave; ele podia pegar o pacote tal como está e enviá-lo.” Era a mim, em particular, que Douglas parecia dirigir a proposta — parecia quase suplicar ajuda para não hesitar. Ele havia quebrado uma camada espessa de gelo, formada ao longo de muitos invernos; tivera lá suas razões para manter o silêncio por tantos anos. Os outros reclamaram do adiamento, mas eram justamente os escrúulos dele que me encantavam. Roguei-lhe que mandasse o bilhete pelo primeiro correio e combinasse conosco fazer-nos o relato em breve; em seguida, perguntei-lhe se a experiência em questão fora sua. “Ah, graças a Deus, não!”

“E o registro escrito? Foi você quem o fez?”

“Dele só guardo a impressão. Trago-o *aqui*” — disse, levando a mão ao coração. “Jamais o perdi.”

“Mas, então, o manuscrito...?”

“Está registrado numa tinta velha e desbotada, e na mais bela das caligrafias.” Fez mais uma pausa. “Letra de mulher. Ela morreu há vinte anos. Foi ela quem me enviou as páginas em questão antes de morrer.” Agora todos o ouviam, e é claro que não faltou quem fizesse pilhória, ou no mínimo uma insinuação. Mas se ele pôs de lado a insinuação sem sorrir, fê-lo também sem sinal de irritação. “Era uma criatura encantadora, porém dez anos mais velha do que eu. Era a governanta da minha irmã”, disse em voz baixa. “Foi a mulher mais agradável de sua condição social que já conheci, e seria merecedora de qualquer outra. Isso faz muito tempo, e o episódio em si é mais antigo ainda. Eu estava no Trinity College e encontrei-a em casa quando voltei para as férias no segundo verão. Passei muito tempo lá naquele ano — foi um belo verão; e, quando ela estava de folga, tivemos algumas conversas caminhando no jardim — conversas em que ela me pareceu tremendamente inteligente e simpática. Isso mesmo; não me venham com sorrisos irô-

nicos: gostei muitíssimo dela e até hoje agrada-me pensar que ela também gostou de mim. Senão, não teria me contado. Nunca havia contado a ninguém. Ela não só me disse isso, como eu estava certo de que ela não contaria de fato. Eu tinha certeza; estava claro para mim. Vocês vão entender por que quando ouvirem a história.”

“Porque a coisa é tão assustadora?”

Ele continuava a olhar-me fixamente. “Vocês vão entender”, e repetiu: “*Você* vai entender”.

Olhei-o do mesmo modo. “Compreendo. Ela estava apaixonada.”

Ele riu pela primeira vez. “Você é mesmo perspicaz. É verdade, ela estava apaixonada. Quer dizer, tinha estado apaixonada. O fato veio à tona — ela não podia contar a história sem revelá-lo. Eu percebi, e ela percebeu que percebi; mas nem eu nem ela tocamos no assunto. Lembro a hora e o lugar — o canto do gramado, a sombra das grandes faias e a tarde longa e quente de verão. Não era um cenário que desse arrepios; no entanto... ah!” Afastou-se da lareira e deixou-se cair em sua poltrona.

“Você vai receber o pacote na manhã de quinta-feira?”, indaguei.

“Provavelmente só no segundo correio.”

“Pois então, depois do jantar...”

“Vocês todos me encontram aqui?” Correu os olhos por nós outra vez. “Ninguém vai embora?” Era quase um tom esperançoso.

“Todo mundo vai ficar!”

“*Eu* fico — *eu* fico!”, exclamaram as senhoras cujas partidas já tinham sido marcadas. A sra. Griffin, porém, pediu mais um esclarecimento. “Por quem ela estava apaixonada?”

“A história dirá”, ousei responder.

“Ah, mas eu não posso esperar pela história!”

“A história *não* dirá”, disse Douglas; “não de modo literal, vulgar.”

“Tanto pior. Eu só entendo desse modo.”

“Você não nos dirá, Douglas?”, outra pessoa perguntou.

Ele levantou-se de um salto outra vez. “Sim — amanhã. Agora preciso me deitar. Boa noite.” E mais que depressa, pegando um castiçal, deixou-nos um pouco aturdidos. Da extremidade do grande salão pardo onde nos encontrávamos, ouvimos seus passos na escada; foi então que a sra. Griffin falou. “Bem, se eu não sei por quem ela estava apaixonada, sei por quem *ele* estava.”

“Ela era dez anos mais velha”, disse seu marido.

“*Raison de plus* — naquela idade! Mas é admirável, da parte dele, tantos anos de silêncio.”

“Quarenta anos!”, Griffin acrescentou.

“E por fim esta explosão.”

“Esta explosão”, retruquei, “vai nos valer um serão memorável na quinta-feira”; e todos concordaram comigo que, depois disso, nada mais atrairia nossa atenção. A última história, embora estivesse incompleta e mais parecesse o mero início de um folhetim, fora contada; trocamos apertos de mãos, “castiçamos”, como alguém disse, e fomos nos deitar.

No dia seguinte, fiquei sabendo que uma carta contendo a chave fora enviada, pelo primeiro correio, aos aposentos de Douglas em Londres; mas apesar — ou talvez justamente por causa — da divulgação dessa notícia nós o deixamos a sós até depois do jantar, mais exatamente até a hora da noite que melhor se adequasse à espécie de emoção em que se fixavam nossas esperanças. Então ele se tornou tão comunicativo como desejávamos que fosse, e de fato nos deu as melhores razões para estar desse modo. Ouvimo-lo outra vez diante da lareira do salão, tal como ouvíramos as parcias maravilhas da noite anterior. Ao que parecia, a história que ele nos prometera exigia, para ser bem entendida, um curto prólogo. Aproveito para deixar claro agora, logo de

uma vez, que esta narrativa, a partir de uma transcrição exata que fiz muito depois, é o que apresentarei mais adiante. O pobre Douglas, antes de morrer — quando a morte já se anunciava —, confiou-me o manuscrito que lhe chegou no terceiro dia daquela temporada e que, no mesmo lugar, com grande impacto, ele começou a ler para nosso pequeno círculo silencioso na quarta noite. As senhoras que estavam de partida, e que disseram que haveriam de ficar, não ficaram, é claro, felizmente: partiram, em consequência do que já fora combinado, ardendo de curiosidade, segundo afirmaram, por conta dos prenúncios com que ele já nos havia atiçado. Mas isso teve o efeito de tornar seu público final ainda mais compacto e seletivo, de mantê-lo, em torno da lareira, submetido a uma emoção comum.

O primeiro desses prenúncios era a informação de que o texto escrito relatava a história a partir de um ponto em que, de certo modo, ela já havia começado. O que importava saber, pois, era que essa sua velha amiga, a mais moça das várias filhas de um pároco pobre do interior, aos vinte anos de idade, quando começou a trabalhar como professora, viera a Londres ansiosa, por conta de um anúncio que já a levara a entabular uma breve correspondência com o anunciante. Esse anunciante, quando ela se apresentou para ser avaliada, numa casa na Harley Street que lhe pareceu enorme e imponente — esse possível cliente era um cavalheiro, um homem solteiro na flor da idade, uma figura que jamais surgira, senão em sonhos e em velhos romances, diante de uma moça confusa e ansiosa, egressa de um presbitério em Hampshire. Era fácil definir seu tipo, pois é dos que, felizmente, nunca se extinguem. Bonitão, confiante, simpático, informal, alegre e bondoso. A ela pareceu, como era inevitável, galante e esplêndido, mas o que mais a impressionou e lhe inspirou a coragem que manifestou depois foi o fato de que ele lhe apresentou a situação

como se fosse uma espécie de favor, um obséquio pelo qual lhe ficaria grato. Ela imaginava-o rico, porém terrivelmente extravagante — via-o num nimbo de elegância, beleza, hábitos caros, modos encantadores com as mulheres. Sua residência na cidade era um casarão cheio de espólios de viagens e troféus de caça; mas era para sua casa no interior, a velha mansão da família em Essex, que ele desejavavê-la partir de imediato.

Ele se tornara, por efeito da morte dos pais delas, na Índia, tutor de duas crianças, um sobrinho e uma sobrinha, filhos de um irmão militar, mais jovem, que falecera dois anos antes. Essas crianças tornaram-se, pelo mais estranho dos acasos para um homem em sua situação — um homem só, sem a experiência e a paciência necessárias —, um ônus imenso para ele. A coisa resumia-se a uma grande preocupação e, da parte dele, sem dúvida, a uma série de equívocos, mas ele tinha muita pena das pobrezinhas e por elas fizera tudo de que fora capaz; assim as enviara para a outra casa, pois certamente o lugar apropriado para elas era o campo, e lá as mantinha, desde o início, sendo cuidadas pelas melhores pessoas que pôde encontrar, abrindo mão até mesmo de seus criados para que as servissem, e indo vê-las sempre que podia, para saber se estavam bem. A dificuldade residia no fato de que as crianças praticamente não tinham outros parentes e, quanto a ele, de que os negócios ocupavam todo o seu tempo. Ele entregara às crianças a casa de Bly, um lugar salutar e protegido, e deixara a pequena família — apenas no que se referia às questões práticas da casa — aos cuidados de uma mulher excelente, a sra. Grose, de quem, ele estava certo, ela haveria de gostar e que fora outrora criada da mãe dele. Era no momento a administradora da casa e atuava também, por ora, como preceptora da menininha, à qual, não tendo ela filhos, era, por sorte, extremamente apegada. Havia muita gente para ajudar, mas sem dúvida a jovem que iria para lá na condi-

ção de governanta seria investida da máxima autoridade. Nas férias, ela teria também de cuidar do menino, que fora enviado para um colégio — era ainda muito pequeno para isso, mas que outra coisa se poderia fazer? — e que, agora que as férias se aproximavam, voltaria à casa a qualquer momento. De início, as crianças foram cuidadas por uma jovem que por infelicidade elas haviam perdido. Essa jovem fora muito boa para elas — era uma pessoa extremamente respeitável —, porém morrera, e fora esse o grande transtorno que não deixara outra alternativa senão o colégio para o pequeno Miles. A sra. Grose, desde então, fazia o que podia por Flora; havia também uma cozinheira, uma criada, uma leiteira, um velho pônei, um velho cavalariço e um velho jardineiro, todos igualmente respeitáveis sob todos os aspectos.

Douglas havia apresentado o quadro até esse ponto, quando alguém fez uma pergunta. “E de que morreu a antiga governanta? De excesso de respeitabilidade?”

A resposta de nosso amigo foi imediata. “Isso virá à tona. Não antecipo.”

“Perdão — pensei que era justamente isso que estivesse fazendo.”

“Se eu me visse no lugar da sucessora dela”, arrisquei, “haveria de querer saber se o cargo representava...”

“Um risco à vida?” Douglas completou meu pensamento. “Ela quis saber, sim, e ficou sabendo. Vocês ouvirão amanhã o que ela soube. Nesse ínterim, é claro, a situação lhe pareceu ligeiramente sinistra. Ela era jovem, inexperiente, nervosa: era uma perspectiva de obrigações sérias e pouca companhia, de muita solidão, na verdade. Hesitou — pediu uns dois dias para consultar pessoas e pensar. Mas o salário oferecido excedia em muito suas modestas expectativas, e numa segunda entrevista ela respirou fundo e aceitou.” E Douglas, neste ponto, fez uma pausa que, em benefício do grupo, me levou a intervir:

“A moral da história, claro, é que o rapaz esplêndido a seduziu. Ela sucumbiu à sedução.”

Douglas levantou-se e, tal como fizera na véspera, foi até a lareira, mexeu numa das toras com o pé e ficou parado por um momento, de costas para nós. “Ela só o viu duas vezes.”

“Sim, e é justamente aí que está a beleza de sua paixão.”

Um pouco para minha surpresa, ao ouvir isso Douglas virou-se para mim. “*Era* essa mesmo a beleza. Outras”, ele prosseguiu, “não haviam sucumbido. Ele foi franco com ela em relação a sua dificuldade — disse-lhe que várias candidatas consideraram as condições proibitivas. De algum modo, elas simplesmente davam a impressão de ter medo. A coisa parecia tediosa — parecia estranha; mais ainda por causa da condição principal que ele impunha.”

“Que era...?”

“Que ela não deveria nunca incomodá-lo — nunca, jamais: nem apelar para ele, nem reclamar, nem escrever-lhe a respeito de qualquer assunto; teria de enfrentar todos os problemas sozinha, receber todas as remessas de dinheiro do advogado dele, assumir toda a situação e deixá-lo em paz. Ela prometeu que o faria, e a mim contou que quando, por um momento, aliviado, deliciado, ele segurou sua mão, agradecendo-lhe o sacrifício, ela já se sentiu recompensada.”

“Mas foi só essa a recompensa dela?”, uma das senhoras perguntou.

“Ela nunca mais voltou a vê-lo.”

“Ah!”, exclamou a senhora; e foi essa, visto que nosso amigo imediatamente se afastou de nós, a única outra palavra importante sobre o assunto até que, na noite seguinte, junto à lareira, na melhor poltrona, ele abriu a capa vermelha desbotada de um álbum fino, antiquado, de bordas douradas. A narrativa acabou levando mais de uma noite, mas na primeira delas a mesma senhora fez outra pergunta. “Que título deu a ela?”

“Não tenho um título.”

“Ah, mas *eu* tenho!”, disse eu. Porém Douglas, sem me dar atenção, já havia começado a ler, num belo tom límpido que era como uma tradução sonora da esmerada letra da autora.